



GUERRA NO LESTE EUROPEU Em um dos mais intensos bombardeios, 69 projéteis são disparados contra o território ucraniano. Destruição da infraestrutura elétrica provoca blecautes massivos na capital, Kiev, e na cidade de Lviv

Sergei Supinsky/AFP



Rastros de mísseis vistos no céu sobre Kiev, na manhã de ontem

Ucrânia acusa Rússia de chuva de mísseis

» RODRIGO CRAVEIRO

Genya Savilov/AFP

Morador de Kiev, o jornalista Oleksiy Sorokin, 26 anos, despertou por volta das 9h (4h em Brasília) de forma abrupta. “Acordei com o barulho de quatro explosões. Mais tarde, soube que o nosso sistema de defesa antiaérea tinha derrubado mísseis russos. Então, pulei da cama e comecei a trabalhar. Descobrimos que várias outras explosões tinham ocorrido na capital. Outras três localidades, perto da cidade, foram atingidas por destroços de projéteis interceptados”, afirmou ao **Correio**.

Horas depois de a Rússia recusar um plano de paz apresentado pelo governo da Ucrânia, Kiev acusou Moscou de lançar uma das mais intensas chuvas de mísseis desde a invasão à ex-república soviética, em 24 de fevereiro passado. Por sua vez, a vizinha Belarus — aliada de Moscou — denunciou a queda de um míssil ucraniano em seu território e convocou o embaixador de Kiev, em Minsk, para prestar esclarecimentos. O governo de Volodymyr Zelensky vê o incidente como um complô para arrastar Belarus à guerra.

“Foi um dos ataques de mísseis mais massivos. Obrigado às Forças Armadas da Ucrânia por seu trabalho. A derrubada de 54 mísseis salvou as vidas de dezenas de pessoas e protegeu partes cruciais de nossa infraestrutura econômica. Cada dia de sucesso militar faz nossa vitória ficar mais próxima”, escreveu no Twitter Oleksii Reznikov, ministro da Defesa da Ucrânia.

O chefe do Estado-Maior, general Valeriy Zaluzhny, informou, por sua vez, que a Rússia lançou 69 mísseis cruzeiros, dos quais apenas 15 acertaram o alvo. A ofensiva ocorreu às vésperas da celebração da virada do ano por parte dos ucranianos. O ministro do Interior, Denys Monastyrskyi,



Socorristas removendo escombros e buscam vítimas em casa destruída por bombardeio, na periferia de Kiev: defesa antiaérea evitou muitas mortes

anunciou que três pessoas morreram e seis ficaram feridas, incluindo uma criança.

Vácuo de notícias

Além do medo de ter a casa atingida em cheio durante os bombardeios, a ativista Olena Halushka, 33, sofreu com o vazio de informações em Lviv, a 539km a sudoeste de Kiev. “Quando os ataques começaram e a eletricidade foi cortada, as conexões de celulares e de internet também foram afetadas. Isso significa uma falta de notícias e de compreensão sobre o que estava acontecendo. Não pude nem mesmo entrar em contato com

meus familiares para saber se estavam bem. Isso nos deixa muito mais nervosos”, desabafou à reportagem. A destruição de infraestrutura civil fez com que 90% dos moradores de Lviv ficassem sem energia elétrica, enquanto 40% dos cidadãos de Kiev sofreram com o blecaute, que também se estendeu às regiões de Odessa e de Dnipropetrovsk.

Sob a condição de anonimato, uma moradora de Chernivtsi (oeste) relatou que a cidade tem sido alvo de bombardeios constantes e de blecautes. “A infraestrutura de eletricidade foi severamente danificada. As temperaturas estão abaixo de zero, e as pessoas literalmente

congelam em suas casas. Por aqui se diz que os ataques atingirão um pico no sábado (amanhã), véspera do réveillon”, disse. “Há 310 dias que sinto um ódio e um medo avassaladores.”

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev admitiu que os ataques de ontem eram esperados pelas autoridades ucranianas. “Nada impede o terror empregado pelos russos, e eles costumam utilizá-lo antes dos feriados. No entanto, Moscou não infligiu dano da forma como gostaria. Espero nova barragem de mísseis antes do ano-novo”, disse ao **Correio**. Segundo o especialista,

uma tentativa de invasão das forças da Rússia a Kiev seria malsucedida se a infraestrutura fosse poupada. “Não descarto que, entre janeiro e março, Moscou planeje uma tomada de Kiev. Mas, tudo isso pode ser parte de uma campanha psicológica”, acrescentou Zalmayev.

Para Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, os bombardeios atribuídos à Rússia são contraproducentes, na medida em que aumentam o desejo dos ucranianos de reagirem à invasão. “Quanto mais os russos atacarem os civis, mais os ucranianos estarão prontos para contra-atacar.”

EU ACHO...

Fotos: Arquivo Pessoal



“Quando acordei hoje (ontem), por volta das 7h (2h em Brasília), minha casa balançava, as janelas chacoalhavam. As pessoas se acostumaram a essa situação. Os bares e restaurantes de Kiev abriram suas portas, e os moradores apreciaram concertos, que ocorrem onde é possível. A renda arrecadada com a venda dos ingressos vai para as Forças Armadas. A vida continua.”

Peter Zalmayev, diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev)



“Os russos tentaram uma invasão terrestre na região de Donbass (leste), mas a operação não foi bem-sucedida e eles perderam muitos soldados. Os ataques à infraestrutura se explicam pela falta de sucesso no campo de batalha. Eles visam congelar a Ucrânia e desmotivar a população a resistir à ofensiva de Moscou. Putin pretende que os ucranianos aceitem ceder territórios à Rússia.”

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla

ISRAEL

Um governo ainda mais à direita

Benjamin Netanyahu iniciou, ontem, o terceiro mandato como primeiro-ministro de Israel, quatro anos após sua saída e depois de conquistar a confiança dos deputados de seu novo governo, o mais à direita da história do país. Antes de um voto de confiança no Parlamento, onde sua coalizão tem a maioria das cadeiras, ele apresentou sua equipe ministerial aos deputados.

Dos 120 membros do Knesset (Parlamento) 63 votaram a favor do governo de Netanyahu, composto por seu partido, o Likud (direita), por dois partidos

ultraortodoxos e três de extrema direita. O premiê anunciou o ex-ministro da Inteligência Eli Cohen como chefe da diplomacia. Na véspera, já havia informado que Yoav Gallant, um ex-oficial próximo ao movimento pró-assentamentos na Cisjordânia ocupada, ficaria com a pasta da Defesa.

Em discurso aos parlamentares, Netanyahu elencou as principais missões de seu novo governo. “Frustrar os esforços do Irã para adquirir um arsenal nuclear, garantir a superioridade militar de Israel na região e ampliar o círculo de paz (com os

países árabes)”, assinalou.

Aos 73 anos, Benjamin Netanyahu é o político que por mais tempo liderou o governo de Israel, com 15 anos divididos em dois mandatos (1996-1999 e 2009-2021). Pressionado por acusações de corrupção, deixou o poder em 2021, dando lugar a uma coalizão eclética de políticos de esquerda, centristas e partidos árabes liderada por Naftali Bennett e Yair Lapid.

Após as eleições legislativas de 1º de novembro, Netanyahu negociou com partidos ultraortodoxos e de extrema direita, como

o Partido Sionista Religioso, de Bezalel Smotrich, e o Poder Judicial, de Itamar Ben Gvir, ambos com um histórico de declarações explosivas contra os palestinos.

Smotrich assumiu o Ministério da Fazenda e será responsável pela política de colonização na Cisjordânia. Ben Gvir será ministro da Segurança Nacional e controlará a polícia que opera na Cisjordânia, ocupada desde 1967. A maioria parlamentar ampliou os poderes da pasta. O procurador-geral Gali Baharav-Miara alertou para o risco “de politização das forças de ordem”.

AFP



Premiê propõe um brinde durante a primeira reunião de seu gabinete